

atlas

jorge luis borges com maría kodama

TRADUÇÃO HELOISA JAHN

COPYRIGHT © 1995, 2008 BY MARÍA KODAMA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

GRAFIA ATUALIZADA SEGUNDO O ACORDO
ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA
DE 1990, QUE ENTROU EM VIGOR NO BRASIL
EM 2009.

TÍTULO ORIGINAL
ATLAS

PROJETO GRÁFICO
RAUL LOUREIRO, CLAUDIA WARRAK

PREPARAÇÃO
SILVIA MASSIMINI FELIX

REVISÃO
CARMEN S. DA COSTA
ISABEL JORGE CURY

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Borges, Jorge Luis, 1899-1986.
Atlas / Jorge Luis Borges com María Kodama ; tradução
Heloisa Jahn . – São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Atlas
ISBN 978-85-359-1712-3

1. Borges, Jorge Luis, 1899-1986 2. Kodama, María
3. Viajantes – Escritos I. Título.

10-06470

CDD-910.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Narrativas de viagens 910.4
2. Viagens : Narrativas pessoais 910.4

[2010]
TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
RUA BANDEIRA PAULISTA, 702, CJ. 32
04532-002 – SÃO PAULO – SP
TELEFONE (11) 3707-3500
FAX (11) 3707-3501
WWW.COMPANHIASLETRAS.COM.BR



BA

RAVEN

BALLOON
AVIATION

BALLOON AVIATION
© 1998



a deusa gálica

Quando Roma chegou a estas terras últimas e a seu mar de águas doces indefinido e quem sabe interminável, quando César e Roma, esses dois claros e altos nomes, chegaram, a deusa de madeira queimada já estava aqui. Seria chamada Diana ou Minerva, à maneira indiferente dos impérios que não são missionários e que preferem reconhecer e anexar as divindades vencidas. Antes ocuparia seu lugar numa hierarquia precisa e seria a filha de um deus e a mãe de outro e a vinculariam às dádivas da primavera ou ao horror da guerra. Agora a acolhe e exhibe essa estranha coisa, um museu.

Chega-nos sem mitologia, sem a palavra que foi sua, mas com o apagado clamor de gerações hoje sepultadas. É uma coisa rota e sagrada que nossa ociosa imaginação pode enriquecer irresponsavelmente. Nunca ouviremos as súplicas de seus adoradores, nunca saberemos os ritos.



o totem

Plotino de Alexandria, conta Porfírio, não admitiu que o retratassem, alegando que não passava da sombra de seu protótipo platônico e que o retrato seria a sombra de uma sombra.

Séculos depois Pascal redescobriria esse argumento contra a arte da pintura. A imagem que vemos aqui é a foto do fac-símile de um ídolo do Canadá, ou seja, a sombra da sombra de uma sombra. Seu original — por assim dizer — ergue-se, alto e sem culto, atrás da última das três estações do Retiro. Trata-se de um presente oficial do governo do Canadá. Esse país não se incomoda de ser representado por uma imagem bárbara como aquela. Um governo sul-americano jamais praticaria o ato contraditório de oferecer a imagem de uma divindade anônima e tosca.

Sabemos essas coisas e mesmo assim nossa imaginação se compraz com a ideia de um totem no desterro, de um totem que obscuramente exige mitologias, tribos, apreensões e talvez sacrifícios. Nada sabemos quanto a seu culto; razão suficiente para sonhá-lo no crepúsculo duvidoso.